

FOLHA *da* JUCISTA

EDIÇÃO DA DIRECÇÃO GERAL DA J. U. C. F.

Av. Duque de Loulé, 90 - r/c D.º — LISBOA

Com aprovação Eclesiástica

Preço \$

O SANTO PADRE FALA

PARA NÓS, UNIVERSITÁRIAS

Para o apostolado cristão entre os conhecedores das ciências profanas, ocorre, não raras vezes, que em questões árduas, até para os teólogos e os intérpretes dos livros sagrados, se entra sem aquele amplo e seguro conhecimento que coaduna a verdade da ciência e o valor da fé.

O grande apologista Santo Agostinho, já, no seu tempo, se lamentava da temerária presunção de alguns cristãos que, frente às afirmações acerca de coisas físicas, sustentadas pelos pagãos com razões certíssimas e com a experiência, opunham as suas fantasias sobre as Sagradas Escrituras de forma que provocavam o riso e demonstravam não entenderem o que diziam nem o que afirmavam.

Diz o Santo Doutor: «E o mais lamentável não é que se ridicularize um homem que erra, mas que, por estranhos, sejam atribuídas tais opiniões aos nossos autores e, com grande dano para aqueles cuja salvação procuramos, os reprovem e desprezem como a ignorantes. Pois, se verificam que algum dos cristãos erra naquela matéria que deles é bem conhecida, e que, fundado nos nossos Livros, fez alguma afirmação errônea, como vão acreditar nesses mesmos Livros, no que eles dizem acerca da ressurreição dos mortos, e da esperança de vida eterna e do reino dos céus, quando, nas coisas que conhecem por experiência e dados certos, julgam que estão escritos com falsidade?».

Bem vêdes, por isso, como é necessário que para um proveitoso apostolado num meio de alta cultura, estejam unidas a profunda ciência profana da natureza, e a profunda ciência religiosa das verdades da fé para mostrar aos outros o acôrdo entre a inteligência humana e a revelação divina.

Tudo isto, é certo, exige valor, energia, constância e digamolo abertamente, abnegação cristã, verdadeira e generosa. Um estudo, uma tarefa ligeira, de diletante, intermitente e à mercê de impressões, não chegará certamente a produzir grandes frutos ou benefícios. Só um ânimo viril se afirma francamente ante a previsão do trabalho longo, a miúdo penoso, árido e obscuro, sem o estímulo da satisfação íntima. Porém, ser e manter-se exigente consigo mesmo, é também um dever que tendes, reclamado tanto pelos vossos estudos e pela vossa actividade profissional, como pela vossa vida religiosa e moral.

Do Discurso de S. S. Pio XII aos universitários da A. C. italiana em 20-IV-1941, sobre a «Missão do Universitário Católico».



OS SACRAMENTOS E O SEU VALOR SOCIAL

Jesus, fazendo-se homem sem deixar de ser Deus, recebe sobre Si todos os nossos pecados e, com a Sua morte na Cruz, redime toda a humanidade, elevando assim o homem até Deus. Porém, Ele conhecia a natureza humana, sabia das suas fraquezas, sabia que sem um auxílio de cima o homem nada podia. Então institue os Sacramentos, fazendo-o participar assim da Sua vida divina.

Segundo a imagem há muito usada pela tradição cristã, os Sacramentos são os canais que, do Calvário, derramam a graça sobre todo o Universo, sobre toda a humanidade.

O Catecismo do Concílio de Trento define os Sacramentos como «sinais visíveis duma graça invisível, instituídos para nos santificar».

O sacramento é um sinal. Assim — diz S. Tomaz de Aquino — «ele recorda a paixão de Cristo — causa meritória do perdão divino às nossas almas; é um sinal visível da graça — forma desse mesmo perdão; enfim ele faz-nos antever a glória futura — fim último da nossa santificação».

O Sacramento é um sinal eficaz da graça. «O efeito dos Sacramentos — afirma S. Tomaz — é incorporar em Cristo e ninguém se torna membro de Cristo sem a graça.» Portanto os Sacramentos são o instrumento de que Cristo se serve para produzir em nós a graça.

Cada sacramento produz em nós, além da graça santificante, a graça Sacramental. Os Sacramentos, instituídos para auxiliarem o homem nas várias circunstâncias da sua vida — «ad quosdam speciales effectus necessários in vita christiana» (S. Tomaz) — dão-lhe uma graça especial que provê a todas as necessidades da natureza humana. Os Sacramentos acompanham toda a vida do homem com uma graça própria e adequada.

Toda a eficácia dos Sacramentos deriva da Paixão de Cristo. Na verdade, é no drama do Calvário que está a origem dêsse manancial de graça que a misericórdia divina faz derramar sobre o mundo.

Os Sacramentos têm sempre em vista o bem do Corpo Místico.

É por meio dos Sacramentos, que todo o Corpo Místico de Cristo se mantém unido e pleno de vitalidade através dos séculos. Por meio deles, chega a cada membro a vida divina do seu Chefe.

O sentido comunitário da vida Sacramental tem uma importância primordial na Igreja. Na verdade, não há um único Sacramento cujos efeitos não tenham um reflexo, pelo menos indirecto, sobre o Corpo Místico.

Pelo Baptismo, o homem entra na comunidade cristã, é incorporado em Cristo e na Igreja — torna-se membro do Corpo Místico de Jesus. Assim ele não mais estará só perante Deus. Com efeito, foi à humanidade toda — de todos os países e de todos os tempos — que Deus enviou o seu Filho para que Ele reunisse todos os homens num corpo único. Assim pode dizer-se que o maior dom que nos traz o Baptismo é fazer-nos entrar nessa comunidade universal — «católica» — que é a Igreja. No Baptismo, o cristão recebe todos os homens como seus irmãos em Cristo.

A Igreja, porém — para prosseguir na conquista de almas para Cristo — precisa de apóstolos e soldados. E' preciso dar a cada alma a possibilidade de aproveitar os frutos da Redenção que Cristo ganhou para ela. Assim a Confirmação vem designar esses Apóstolos da Fé e esses «defensores oficiais da Igreja de Cristo» — como nota Philipon. E acrescenta: «O carácter sacramental que a Confirmação imprime na alma desses «cristãos perfeitos», consagra esses novos «soldados de Cristo», impondo-lhes as responsabilidades dum testemunho que é um mandato da Igreja, chamando-os a afirmar sempre a sua fé perante o mundo e revestindo-os da função social de propagar e defender — se preciso fôr até ao martírio — o bem comum da sociedade cristã».

A Eucaristia tem igualmente um valor social notável. Ela



realiza, dum modo perfeito, a comunhão da Igreja com Cristo. É o Sacramento da unidade — unidade da alma a Cristo e unidade, portanto, das almas entre si. A Comunhão une o homem à Santíssima Trindade e realiza a união de toda a cristandade — para além de raças e civilizações. Pela Eucaristia, os homens tornam-se «um» em Cristo.

Porém, na nossa vida sobrenatural, também há enfraquecimentos, feridas, por vezes, mortais — o pecado. Mas o Salvador deixou-nos um Sacramento que nos ampara e nos ajuda a levantar — a Penitência. E aqui também não é só o pecador que recolhe isoladamente os frutos da Penitência. Para além dele, é todo o Corpo Místico que beneficia desse perdão divino — pois que, por ele, a Igreja se torna mais pura e santa — mais próxima da perfeição de Deus. A Penitência é um dos Sacramentos de maior importância na unidade do Corpo Místico — porque, expulsando o pecado, elimina da comunidade cristã os elementos de desagregação e de morte.

O Sacramento do Matrimónio — tendo em vista essencialmente a perpetuidade do Corpo Místico e a multiplicação do povo da Igreja — tem também um sentido comunitário profundo. Sendo a família a base da sociedade cristã, é no seu ambiente verdadeiramente cristão que se formam as grandes almas — que serão, mais tarde, os apóstolos de Cristo, os Padres, os Santos.

A Ordem é o Sacramento da unidade hierárquica da Igreja.

Na comunidade cristã, o padre é o mediador «oficial» entre Deus e os homens. «Homem de Deus», o sacerdote é também o homem de todos os homens — aquele que tem por missão conduzi-los ao seu destino eterno.

Porém, é no altar, quando perpetua o sacrificio de Cristo, que o sacerdote, estendendo a sua acção a todo o Corpo Místico, afirma, duma maneira clara, o sentido comunitário da sua missão.

O mesmo sentido comunitário se verifica com a Extrema-Unção. Nesse momento decisivo, é toda a comunidade da Igreja que reza por aquele que vai morrer.

Porém, apesar da morte, o homem continua incorporado na comunidade cristã que se perpetua no céu — na unidade do «Cristo total».

Vemos assim como os Sacramentos — acompanhando toda a vida do homem e ajudando-o no caminho de santidade — tornam mais estreita a união do Corpo Místico.

Nos Sacramentos, tudo apresenta, afinal, o sentido duma indissociável solidariedade de todos os membros do Corpo Místico.

Eu digo que amo o meu próximo...

Eu digo que amo o meu próximo... mas, outro dia, quando ia visitar a Fernanda a quem tinha morrido o pai, pelo caminho fui pensando no meu vestido novo, no filme que ia ver no dia seguinte... Ao chegar a casa dela fiquei embaraçada sem saber o que lhe havia de dizer...

Eu digo que amo o meu próximo... mas, ontem, quando lia um livro interessantíssimo de Van der Meersch, o meu irmão João Manuel, que está doente, chamou por mim e eu respondi-lhe: «Deixa-me acabar o capítulo, que já vou» E João Manuel, apesar da febre que tinha, esperou um quarto de hora pela sua limonada...

Eu digo que amo o meu próximo... mas, quando dei, para a Campanha do Natal o meu velho casaco castanho, tirei-lhe a pele «porque estava ainda muito boa e ficava ainda bem no meu casaco novo». Ora, a pele era o que o casaco tinha de mais quente...

Eu digo que amo o meu próximo... mas, quando a Isabel me pediu para a ajudar a estudar para o exame de Algebra, disse-lhe que sim, mas fiz-lhe compreender que ela me prejudicava, tirando-me tempo precioso ao meu estudo...

Eu digo que amo o meu próximo... mas, quando Tereza começou a contar um aborrecimento grande que tinha tido, consegui desviar a conversa para não ter a mágoa de ouvir uma coisa que não me interessava nada... e não lhe dei o amparo de que ela precisava...

Eu digo que amo o meu próximo... mas, a Mariana espera já há dois meses a carta reconfortante de que precisa...

Eu digo que amo o meu próximo... mas, numa conversa, não sei «ouvir» e só procuro impôr a minha opinião... mas, há uma espécie de livros — os mais novos — que eu nunca empresto... mas, discuto sobre o espírito de pobreza: conservar as lembranças de família, não se afastar do seu meio...

Amar não se traduz por uma gentileza superficial, ou por uma simpatia passageira.

Amar é sofrer e alegrar-se com todos, «estar disponível» e saber «pôr-se no lugar dos outros».

Em vez de pensar: «Já tenho feito bastante», deve perguntar-se: «Que há ainda para fazer?».

Adaptado de «Jeunesse Ardente», Maio de 1948



PURIFICAÇÃO DE NOSSA SENHORA

Celebra a Santa Igreja no dia 2 de Fevereiro a Purificação de Nossa Senhora e a Apresentação do Menino Jesus no Templo.

Ordenava a Lei de Moisés que as mulheres israelitas não se aproximassem do Templo senão determinado tempo depois do parto devendo então oferecer um sacrificio ao Senhor para se purificarem legalmente.

Os filhos primogénitos eram propriedade do Senhor, prescrevendo também a Lei o preço do seu resgate (a oferta de determinada soma de dinheiro e outras oblatas).

Vai, pois, Nossa Senhora ao Templo cumprir estas duas prescrições da Lei. Faz a Deus a oferta do seu Divino Filho, e é com alegria incomensurável que o Senhor a aceita. Tornam-se, desde então, inúteis os sacrificios de animais, acaba de ser oferecida a única Vitima digna de Deus. Por isso, nesse dia, Deus recebeu infinitamente mais glória que até aí recebera no Templo, por todos os sacrificios e holocaustos da Antiga Lei.

E Nossa Senhora, a cheia de graça, a Imaculada, que oferece o Homem-Deus em nome da raça humana. Sabê Ela que o Seu Filho é o Rei da Glória; por isso o apresenta a Deus para nos obter todas as graças de salvação e fá-lo numa união tão íntima com Ele como outra não houve nunca entre o sacerdote e a Vitima Divina. Jesus é o Seu Filho, o Fruto do seu ventre. Por isso, a partir deste dia em que a Virgem o apresentou no Templo como as premissas do futuro sacrificio da Cruz, tem Nossa Senhora uma parte tão preponderante na obra da nossa Redenção. Tal é o mistério deste dia, o último do tempo do Natal.

A procissão das velas, que nele se realiza, evoca a manifestação de Cristo, luz do mundo.

As velas benzidas na cerimónia litúrgica devem servir não só para a procissão mas ainda para uso dos cristãos — no culto particular ou na agonia dos moribundos, atraindo assim sobre as almas bênçãos particulares. Acesas junto ao leito de morte, lembram a imortalidade que Cristo nos mereceu, e são ao mesmo tempo um sinal da nossa fé e da protecção de Maria para a hora eterna.

TEMPO DA SEPTUAGÉSIMA

E' o espaço de três semanas que precede a Quaresma e lhe serve de preparação. Começa no Domingo da Septuagésima (10 de Fev.) compreendendo além deste Domingo o da Sexagésima (17 de Fev.) e o da Quinquagésima (24 de Fev.) — 70, 60 e 50 dias antes da Páscoa.

A Quaresma é um tempo de penitência, de jejum, em memória dos 40 dias de jejum do Salvador no deserto. Começava primitivamente com o 1.º Domingo da Quaresma. Como aos Domingos não se jejuava, existiam então apenas 34 dias de jejum ou 36 contando com a Quinta e Sexta-feira Santas. Foi para completar os 40 dias de jejum que a Quaresma, mais tarde, se antecipou de uns dias, fixando-se na duração que temos actualmente. A partir do século V, começa a fazer-se uma preparação da Quaresma, que só se fixa no século IX.

Este tempo da Septuagésima já é um tempo de austeridade. A Igreja reveste os seus Ministros com paramentos roxos. Exilados no mundo, longe da Pátria, façamos como os Israelitas no exílio, suspendendo os nossos cânticos de alegria. Não cantaremos o Aleluia e o Glória na Missa e o Te-Deum no Ofício Divino, senão quando festejarmos a Ressurreição do Senhor. A Igreja convida a purificarmo-nos cada vez mais, pelo arrependimento das nossas culpas. O conhecimento da nossa miséria — é com esse fim que a Igreja nos faz ler a descrição do pecado original no ofício da noite do Domingo da Septuagésima — fará brilhar a imensa Misericórdia do Senhor para conosco. Daí, uma maior confiança que devemos cultivar em nós durante este tempo, compenetrando-nos simultaneamente da necessidade da penitência. As lições de humildade e de simplicidade que recebemos junto do presépio, hão-de produzir, fecundadas pela Caridade, (acerca da qual lemos, no Domingo da Quinquagésima, a página admirável de S. Paulo na I Epístola aos Coríntios) penitências salutares. Sejamos, durante este tempo, mais vigilantes, mais desconfiados de nós próprios.

Na semana da Septuagésima, Deus convida-nos a trabalhar na sua vinha (Evangelho do Domingo). E' um convite ao apostolado, que devemos intensificar.

No Domingo da Sexagésima, vemos, no Breviário, Noé salvo do Dilúvio, símbolo da humanidade resgatada pela água do Baptismo na Arca que é a Igreja. Entramos na sua vida sacramental. O Baptismo e a Eucaristia são o ponto central do Ciclo Pascal. Por isso, deve ser maior agora a frequência dos Sacramentos. Pela parábola do sementeiro, que a Igreja nos faz ler no

Evangelho deste Domingo, somos convidados a preparar o terreno onde deve germinar a semente da palavra de Deus.

No domingo da Quinquagésima, no Breviário, vemos Abraão, o pai dos crentes, o homem da obediência na Fé, pronto a sacrificar o seu filho. É já para o sacrifício que a Igreja dirige o nosso olhar.

TEMPO DA QUARESMA.

Começa na 4.^a feira de cinzas, (27 de Fever.) assim chamada pela imposição das cinzas, que se realiza nesse dia. É prática das origens da Igreja. Os pecadores tinham de se apresentar ao seu Bispo, logo no primeiro dia da Quaresma. Depois de lhes impôr as mãos, o pontífice deitava-lhes cinzas na cabeça e dirigia-lhes uma alocução em que os advertia de que brevemente, em punição das suas culpas, seriam expulsos da Igreja, como foram expulsos Adão e Eva do Paraíso terrestre, após o primeiro pecado. A seguir, despertava-lhes a coragem, exortava-os à confiança na misericórdia divina. Então os penitentes encaminhavam-se para o templo, de pés descalços. Ali, o Bispo expulsava-os do recinto com a haste da cruz. Os penitentes só teriam direito de reentrar na Quinta-Feira Santa, que era o dia da reconciliação.

Como se vê, a imposição das cinzas era só para os grandes pecadores. A pouco e pouco, porém, começaram os fiéis a recebê-las, por espírito de humildade. E a cerimónia entrou na liturgia da Igreja. Na Quarta-Feira de Cinzas, o celebrante benze as cinzas de palmas benzidas no domingo de Ramos do ano anterior. Faz então, com elas, na frente dos fiéis, uma pequenina cruz. Ao mesmo tempo pronuncia as seguintes palavras que trazem ao espírito a lembrança da morte: «Memento homo quia pulvis es et in pulverem reverteris» — Lembra-te, homem, que és pó e ao pó hás-de voltar.

O II Encontro Nacional da J.U.C. e J.U.C.F.

Sabem já todas quando, onde e para quê ele se realizou. O que talvez algumas ignorem ainda é como ele decorreu.

Cheio de entusiasmo e em perfeita união; podemos afirmá-lo, dando graças a Deus.

Quando todas as manhãs uníamos a nossa oração jucista ao Ofertório da Missa, celebrada na Capela da Universidade, nós

sentiamos consoladoramente a força do grande Ideal que nos unia a todos — aos que ali estávamos presentes, aos que sabíamos à distância mas perto pela oração, e a todos os muitos que querem andar longe de nós; mas ao mesmo tempo mordia-nos a dor de ver aberta por excepção a Capela que desejaríamos transformar numa verdadeira paróquia universitária.

Cerca das 10,30 h principiavam as reuniões de carácter especializado sobre a Acção pessoal, de grupo e de conjunto, no nosso apostolado; as tardes reservavam-se à preparação do Congresso, expondo-se os esquemas de cada sessão, e discutindo-se a melhor forma de os tratar.

Três pontos principais nos interessava focar: ver o que foi a Universidade, analisar nos mais pequenos pormenores o que ela é hoje, e assentar as bases daquilo que todos nós queremos que ela seja.

Para tal dividiu-se em três partes o nosso estudo: História da Universidade, na medida em que essa evolução histórica afectou as linhas da sua orientação; a Crise da Universidade actual; e a Missão da Universidade renovada, dentro da qual a rapariga universitária terá o seu papel definido de acordo com a sua vocação universitária feminina.

Sobre estas bases iremos trabalhar. Em Coimbra, tomámos corajosamente o peso às responsabilidades; mas sabemos que todos teremos força para realizar a tarefa, porque é com Aquele que há-de reinar na Universidade que contamos.

E para que nunca mais se repita um desabafo como este: — «Passo por esta Universidade como cão por vinha vindimada; nem eu reparo nela, nem ela repara em mim», nós, Jucistas, queremos olhar a Universidade bem de frente; assim, ela olhará um dia com consciência para os que vierem depois de nós.



PAX ROMANA

Venho hoje falar-vos da Assembleia Interfederal e do Congresso Mundial da Pax Romana que se realizarão no Canadá neste ano de 1952; a primeira de 21 a 24 de Agosto, o segundo de 26 de Agosto a 1 de Setembro.

O tema do Congresso é a «Missão da Universidade», ponto culminante dum plano de trabalho de dois anos, mas não o termo; é antes um ponto de partida ou uma etapa no longo cami-

nho da renovação da Universidade que a Pax Romana se propôs realizar.

Do Secretariado Geral (Fribourg) pedem que as Federações se não mantenham alheias e colaborem neste Congresso, pela sua presença, pela realização de inquéritos, encontros, pela propaganda, e sobretudo pela preparação geral que as tornará aptas a acompanhar o movimento.

O programa de estudos do Congresso do Canadá é o seguinte:

A — Conferências

- I — *Origens e evolução histórica da Universidade*
- II — *A ideia da Universidade*
- III — *A Universidade e a Sociedade*
- IV — *A Universidade e o Estado*
- V — *A Universidade e a Comunidade Internacional*
- VI — *A Universidade e a Igreja*

B — Comissões

- I — *A Universidade e a formação da personalidade intelectual*
- II — *A Universidade e a procura da verdade*
- III — *O acesso à Universidade*
- IV — *Condição do Corpo Docente*
- V — *A Universidade e a Profissão*
- VI — *A Universidade e a Cultura*
- VII — *A Universidade e o Estado*
- VIII — *A Universidade e a Comunidade Internacional*
- IX — *A Universidade e a Igreja*
- X — *O papel das Universidades Católicas*
- XI — *O desenvolvimento do trabalho da Pax Romana*

Que melhor maneira, pois, de «viver» o Congresso do que «viver» o nosso programa de Jucistas deste ano?

Sirva-nos de incentivo o que em outros países se realiza já e que tão bem nos é noticiado pelo Jornal «Pax Romana» de Novembro último.

Vejamos como a Itália, Argentina, Paraguai, Perú, Bolívia, Brasil, Polónia, Índia, etc., se encontram em verdadeira «acção», quer escolhendo para tema das suas actividades de universitários católicos o esquema proposto pela Pax Romana para o Congresso, quer enviando para o Secretariado Geral, útil colaboração, produto de longos e sérios estudos, vindos a realizar desde há anos, por meio de inquéritos, encontros, etc.

NOTICIÁRIO

Realizou-se em Madrid, de 17 a 24 de Setembro, a Semana de Estudos de Deontologia Jurídica, organizada pelo Sub-Secretariado Jurídico de Pax Romana — Miec. Portugal esteve presente entre as 9 Delegações que as Federações enviaram.



Na Suíça, em Scharbrunn, teve lugar a 2.^a Reunião Internacional do Sub-Secretariado Médico de Pax Romana.



«Inquietud», órgão dos Universitários de Espanha, informa-nos que se realizou, em Outubro, o nono Curso Nacional para Universitárias subordinado ao tema: «Seremos testemunhas de Cristo».



O Jornal «Pax Romana» traz um artigo sobre o Congresso Mundial do Apostolado dos Leigos, realizado em Roma, de 7 a 14 de Outubro (Portugal também esteve presente) e o texto integral da Comunicação apresentada em Reims, por D. José Luís Bustamante, sobre o Pensamento Cristão e a Vida Profissional.



Em Boulogne-sur-Seine, de 5 a 11 de Agosto, realizou-se um Encontro das Mulheres Universitárias da Pax Romana, tratando-se problemas de grande interesse, tais como o da vocação da mulher, valor do trabalho feminino, a mulher profissional e o seu meio.



Sobre as duas primeiras notícias, recomendo-vos a leitura do Jornal «Pax Romana» de Novembro de 1951; da última, falaremos mais pormenorizadamente noutra Folha.



Quero ainda dizer-vos que se torna indispensável a assinatura do Jornal «Pax Romana» para irdes estando a par do movimento que tão entusiasticamente se desenrola.

Do Secretariado Geral (Fribourg) pedem-nos maior número de assinantes, assim como recomendam com insistência o livro: «La Coopération de l'Intellectuel à l'Oeuvre de la Rédemption» e as seguintes brochuras:

- «L'Apostolat intellectuel» (sobre a Semana de Estudos da Pax Romana em Fátima).
- «Cristian Professional Formation» (muito útil sobre o estudo da Missão da Universidade).
- «University for Christ — The University Apostolate in Action» (sobre a acção católica universitária).

I Reunião da Equipa

A — 1) Oração jucista

2) Avisos

3) Comentário dum passo do Evangelho (S. Mateus, X 34-39)

a) «Não julgueis que vim trazer a paz à terra; não vim trazer a paz mas a espada!»

Não era a paz que os homens esperavam que Cristo viesse trazer. A Paz de Cristo só à custa de uma luta de sempre se alcança. Essa Paz vive no coração daqueles que renunciaram ao mundo, renunciando a si mesmos. Nós vamos no dia a dia proclamando a Paz. Queremos num desejo sincero de apostolado levá-la a todos os que a desconhecem. E será verdade que também nós a possuímos? Não se pode dar o que se não tem. Se não conseguirmos que o mundo a possua, é porque as nossas palavras não têm eco dentro de nós. «Não vim trazer a Paz, mas a espada»... a espada com que precisamos de lutar, fere-nos primeiro de que aos outros; talvez seja por isso que tanto a medo ousamos empunhá-la...

b) «O que se prende à sua vida, prendê-la-á; e o que perder a sua vida por seu amor achá-la-á».

...O que se prende à sua vida... lá está o Mestre a tocar na ferida de sempre... lá está o nosso enfeitado egoísmo a mostrar-se: «Então não temos o direito de pensar na nossa vida?» Quem o nega? Cristo apenas nos faz meditar... «O que se prende à sua vida»... Inutilidade das horas em que nos esquecemos de que não somos só nós a viver, em que pomos os nossos interesses, às vezes tão fúteis, acima dum gesto de amor... Vida inútil, vida perdida.

Mas «quem perdeu a vida por meu amor, achá-la-á»... Saber descer tão fundo no caminho do amor, saber fazer da nossa vida inteira um testemunho de amor, é perder a vida em cada um dos que Cristo amou — que somos todos afinal — e achá-la em Cristo. E vida de amor em Cristo é sublimação de cada hora de dor ou de alegria.

c) «O que vos recebe, a Mim recebe...»,
Consoladora certeza... Vamos em nome de Cristo... Não podemos apresentar-nos pobrememente, nós os portadores da Verdadeira Riqueza — nem podemos deixar aos que nos recebem a imagem dum Cristo deturpado. Se nos lembrássemos sempre desta embaixada que de pleno acôrdo aceitamos, teríamos a coragem de aparecer, surdamente fechadas no nosso mundo, tão despidas de Alegria e Confiança aos que em Seu nome nos recebem?

B — INQUÉRITO (vai em folha à parte)

Esboço para um exame de consciência sobre as ACTIVIDADES JUCISTAS

— Como tenho vivido a «Semana de Renúncia»? Tenho rezado pela J. U. C. F.? Tenho-me sacrificado? Em quê? Tenho esquecido o valor espiritual do sacrifício para só olhar ao material?

— Com que cuidado fiz o Inquérito do mês passado? Trouxe os resultados particularmente, para a Reunião de Equipa? Com que disposições vou fazer o deste mês?

— Tenho feito alguma coisa, de acôrdo com a minha equipa, para o Concurso dos cartazes?

Tenho estudado assuntos de Liturgia?

— Estou a ler, actualmente, algum livro profundo que aumente a minha cultura profana ou religiosa?

— Tenho oferecido as minhas Horas de Estudo pelos nossos irmãos que sofrem para lá da Cortina de Ferro e pela Renovação Universitária?

Tenho entregue os talões, pontualmente, à chefe de Equipa?

II Reunião da Equipa

A — 1) Oração jucista

2) Avisos

3) Comentário dum passo do Evangelho (S. Mateus, XI 25-29).

a) «Graças te dou ó Pai, Senhor do Céu e da Terra, porque escondeste estas coisas aos sábios e aos prudentes, e as revelaste aos pequeninos».

Não é a primeira vez que Jesus fala dos pequeninos e os chama para junto de si: «Deixai vir a Mim os pequeninos...».

É pode-se ser pequenino, sendo-se grande, e pode-se ser pequenino e ter um coração onde caiba o mundo inteiro, e ter um pensamento que se aventura aos mais altos problemas...

Ser-se pequenino, é sentir-se pequenino no fundo de si mesmo — é fazer da sua vida um acto perene de humildade.

Mas ser humilde, não é ser-se falsamente modesto, nem sequer deixar-se espezinhar por quem quer que seja, ser humilde é aceitar de rosto erguido cada humilhação, tal como Cristo aceitou a humilhação de se fazer homem por nosso amor.

b) «Vinde a Mim todos os que trabalhais e vos achais carregados, e Eu vos aliviarei».

Quantas vezes em horas da nossa vida de raparigas, e de raparigas que estudam e trabalham, estas palavras de Cristo serão o único consolo. Quantas de nós sentem pesar-lhes sobre os ombros responsabilidades demasiado fundas para quem não tem da vida uma experiência grande! Se nesses instantes soubessemos escutar: «Vinde a Mim... e Eu vos aliviarei» as palavras desse Alguém que um dia também nos mandara partir para aliviar os outros! E é bom sentir que, no dia em que as nossas forças parecem faltar, teremos Alguém em quem repousar. Basta, apenas, saber ter confiança...

c) «Tomai sobre Vós o Meu jugo e aprendei de Mim que sou manso e humilde de coração, e achareis descanso para as vossas almas» ...Manso e humilde de coração... dessa mansidão, dessa humildade que não põem de parte firmeza, antes são o resultado duma constante vigilância.

Não achas que estas palavras do Mestre, nesta época de trabalhos, de apostolado e de estudo que se intensifica, são um chamamento novo e um impulso? Não achas que em vésperas duma nova Campanha que se aproxima — a Campanha Pascal — o Mestre nos faz parar e meditar um pouco? Preparando serenamente as nossas forças, e com a serenidade no coração e a humilde certeza de que com Ele chegaremos triunfantes ao fim, não achas que só assim nos poderemos considerar prontas para a iniciar?

B — Respostas ao Questionário.

O questionário era suficientemente concreto para que agora não haja qualquer desculpa. Era necessário apenas que cada uma se recordasse uma vez mais de que o resultado do seu esforço, afinal tão pequeno, era uma pedrinha para a construção dum edifício maior — o nosso mapa universitário. Aquilo que cada uma deixar por fazer, é uma falha que fica, e o resultado total será melhor ou pior conforme a contribuição de cada uma.

É tão simples reparar, durante uma semana, mais atentamente no que se vê à nossa volta, e tão simples, ainda, ter o cuidado de notar num caderninho tudo o que observou!

Porque será que nestes momentos aparecem tantas desculpas e algumas tão pouco aceitáveis e inverosímeis?

«Effort et soumission, liberté et servitude voilà le plus haut état de la conscience humaine.

Car il est une raison de progrès et un motif d'humilité. La Grace est la part de Dieu. Le désir de la Grace est ma part»

PSICHARI

Indultos

Se ainda não tomaste os Indultos deste ano, apressa-te a fazê-lo, pois, os do ano passado terminaram a 31 de Janeiro.

Dias de Jejum — Fevereiro

Para quem tomou o Indulto o dia 27 de Fevereiro, 4.^a feira de Cinzas, é simplesmente dia de jejum; o dia 29, é dia de jejum e abstinência.

A Igreja, em última análise, não ensina senão uma coisa: o amor imenso de Deus por TODOS os homens... Declaram-no os seus dogmas: criação, encarnação, redenção, graça, recompensa eterna... São todos essencialmente SOCIAIS.

Foyer, N. D. — Dezembro 1946

«Meu caro hospedeiro», disse eu ao Filósofo hindú, «gostarei de tudo o que lhe agrada servir-me» — Ele respondeu-me: E também assim tão dedicado com o hospedeiro de todos nós, isto é, com o Senhor, e tudo o que lhe sucede é igualmente do seu gosto?»

Lanza del Vasto

Nós chamamos fé firme e viva uma fé que, dia a dia se traduz em actos pela humildade, oração e sacrificio»

Pic XII

Fundação Cuidar o Futuro

SECÇÃO BIBLIOGRÁFICA

Sobre educação

CASTIELLO, Jayme S. J. — «Une Psychologie humaine de l'éducation». Ed. Casterman

BORGER, Chanoine André — «Pedagogie chrétienne» Ed. Lethielleux, pág. 312

Sobre comunidade

MARITAIN — «La personne et le Bien Commun» — 1950

LEGAUT — «La communauté humaine — Essai de spiritualité sociale» Ed. Aubies 1938

Sobre humanismo

MASURE — «L'humanisme chrétien» — S. E. T.

CHARMOT, Pe — «L'humanisme et l'humain».

de alguns dos aspectos de Indústrias... (text mirrored)

Dias de Jejum - Joviano

Para quem quiser o livro... (text mirrored)

A seguir um livro... (text mirrored)

Para quem quiser... (text mirrored)

Para quem quiser... (text mirrored)

Fundação Cuidar o Futuro

SEÇÃO BIBLIOGRÁFICA

Sobre educação

CASTELLAN, James S. J. - Uma psicología humana de la educación. Ed. Castellan

KING, Charlotte A. - Pedagogia e educação. Ed. Castellan, pag. 112

Sobre comunidade

MAHATMA - La paz y la vida comunitaria. Ed. Castellan - 1950
EMERSON - Los fundamentos humanos de la cultura social. Ed. Castellan 1951

Sobre humanismo

MASTRE - El humanismo cristiano. S. E. T.
CHERUBIN - El humanismo de la infancia.